

OS COMPOSITORES

15/03/1998

À segunda fase da produção de Debussy pertencem os Prelúdios para Piano, eles também no fatal número de 24 como em Bach e em Chopin. Por sinal, diria eu que a Bíblia do pianista é feita de três volumes fundamentais : "O Cravo Bem Temperado" de Bach ,os "Estudos" de Chopin e os "Prelúdios" de Debussy.

Na verdade eu acrescentaria um quarto volume como apêndice ou prólogo: A Sonata de Scarlatti.

Dizia-nos Casella que quando foi visitar De Falla no estúdio deste encontrou a "Opera Omnia" de Scarlatti e falou com De Falla: "Somos da mesma família".

O prelúdio é, como diz a própria palavra, a preparação a alguma coisa, seja ela de caráter dramático tal como o prelúdio de muitas óperas, seja ela de caráter instrumental.

O Preludio andou frequentemente associado à Fuga, e tal encontramos justamente em Bach. Só no romantismo e mais exatamente em Chopin o Preludio tornou-se autônomo: preparação a nada, ou a tudo o que você quiser. Observe-se que os 24 prelúdios de Chopin ainda são compostos nas pegadas de Bach, em todas as 24 tonalidades maiores e menores do sistema tonal.

Eu diria que os Prelúdios de Chopin são pequenas páginas de diário e às vezes nada mais do que curetos aforismos. Nenhuma preocupação com a totalidade tonal. Em Debussy cada preludio é num tom que lhe convém. Comparados com as obras do primeiro período os Prelúdios de Debussy têm uma construção bem mais racionalizada e um fundamento musical muito mais importante do que uma impressão evocativa. Aliás Debussy atribuiu tão pouca importância àquilo que poderíamos chamar de fotografia de uma impressão que coloca os títulos de cada preludio não no princípio, mas no fim da peça. É como se ele dissesse: "Não quero impor uma imagem; é assim se vos parece mas também pode ser diferente".

Noutros termos o título não é programático mas apenas uma referência possível depois de ouvida a peça. Do ponto de vista pianístico os 24 Prelúdios de Debussy representam uma revolução do pianismo: não o som dramático de Liszt ou o som poético de Chopin, mas uma atmosfera para a qual contribui o novo conceito da pedalização . Há uma ideia difusa de que os prelúdios devam ser tocados com liberdade e fantasia. Mas Debussy se não chegou a gravar em disco, chegou a registrar vários rolos de pianola, que eu tive oportunidade de ouvir poucos anos atrás em Roma, na casa de um colecionador. Debussy toca com absoluto rigor rítmico e com clássica compostura; e toca num piano de armário que ele prefere ao grande piano de concerto pela intimidade do seu som.

Vamos ouvir então os 12 Prelúdios do Segundo Volume, na execução do pianista Paul Crossley.

Seja-me permitido comentar cada um deles antes da execução. Não julgo esse comentário indispensável porque aqui também a música vale pela sua própria linguagem, mas talvez duas palavras ajudem justamente a entrar nesta linguagem.

Música: 12 Prelúdios de Debussy - 50'. a cada faixa passar ao maestro para comentários.

Ouvimos na semana passada uma obra inspirada em formas e gêneros do século XVIII, e parcialmente no espírito do cravo, embora a terceira peça daquela Suite ou "Clair de Lune" viva numa atmosfera sonora que o cravo nunca poderia possuir.

Mais próxima talvez do espírito cravista é a Suite "Pour le Piano", da qual vamos ouvir a Sarabanda. A Sarabanda foi nas origens uma dança espanhola de ritmo vivo, que porém, ao longo dos séculos chegou ao século XVIII com caráter de lenta expressividade, tal como ela se nos apresenta em tantas obras da produção de Bach.

Todavia, das origens vivas a Sarabanda ainda conserva um rastro de caráter linguístico, pois que os italianos definem como sarabanda uma cena vivaz e ruidosa, tal como uma briga de meninos.

Da suite "Pour le piano" vamos ouvir então a Sarabanda, na interpretação do pianista Claudio Arrau.

Música. 5'11".

Vamos nos despedir de Debussy com duas curtas e despreziosas páginas pianísticas, música de salão sem importância mas agradável e, como sempre em Debussy, cheia de elegância e bom gosto. A primeira delas é "La plus que lente", valsa lenta de tipo francês, e já idealizada porque seria impossível dançá-la.

Música. 6'21".

E finalmente uma valsa romântica. Como se vê, a valsa ainda participa da música moderna e encontrará logo após a sua idealização nas valsas nobres e sentimentais de Ravel.

Música:"Valse Romantique". Piano: Cláudio Arrau. 4'56".

Um dos primeiros a perceber os perigos do debussismo dos quais falamos amplamente na semana passada, foi Erik Satie (1866-1925), estranha figura polivalente de músico, cabaretista, pensador e filósofo, mas em todas essas facetas totalmente anti-acadêmico, revolucionário, empregando principalmente as armas da sátira e da improvisação .

A preocupação de Satie é a conseqüente luta contra a ditadura wagneriana e a evanescência

impressionista visa a restabelecer os direitos da imediata comunicação, que retorne a uma presença mais marcante do sensorial e do racional, visto porém como irracional. Na qualidade de criador Satie embora frequentemente agradabilíssimo, é bem menos importante do que a sua presença como estimulador de novas experiências.

Nessas novas experiências ele acompanhou também as pegadas de Cocteau: ambos poderiam recordar as facetas principais de Mário de Andrade, ele também mais pensador do que músico, ousado e iconoclasta. Na verdade foi em torno de Satie que se reuniram as forças melhores da jovem música francesa reunidas naquele Grupo dos Seis, do qual emergiram pelo menos três grandes representantes da arte do nosso século: Arthur Honegger, Darius Milhaud e Francis Poulenc, além de George Auric, muito importante na música de cinema.

Satie quer o retorno da simplicidade e a clareza da música, numa palavra um retorno da sua sanidade moral. Para isto, mais do que as complexas harmonias impressionistas, ele emprega um constante contraponto melódico, que mistura com elementos de disparatada origem, o music hall, a canção popular, a marcha e o circo.

De Satie vamos ouvir "Três Peças em Forma de Pera" para o piano. Essa composição tem uma história divertida. Quando começou a fazer a música já fora das condições do Conservatório, Satie procurou Debussy para ter a opinião deste a respeito de alguns dos seus trabalhos. Debussy falou o que todo grande mestre fala para um jovem talentoso semi-autodidata: "Você tem muito talento mas a sua música é toda fragmentada e lhe falta principalmente o rigor da forma".

Pouco tempo depois Satie voltou a procurar Debussy com "Três peças em Forma de Pera" e, diante do espanto de Debussy pelo título, explicou: "O senhor falou-me tanto na importância da forma que eu tentei fazer três peças em forma de pera".

Música "Três Peças em Forma de Pera". Piano Jacques Février. duração: 15'12".

Ouvimos agora "A Bela Excêntrica", música de Music Hall, em duas curtas partes: "Dança Ritual" e "Valsa do Misterioso Beijo no Olho". Essa peça reflete justamente a faceta de Satie pianista de Cabaret.

Música: "A Bela Excêntrica", Orquestra Filarmônica de Londres, Regente Bernard Herman. Duração 4'42".

Satie não tinha grande experiência de orquestrador e a sua peça também de caráter music-hall "Jack-in-the-box", original para o piano, foi excelentemente orquestrada por Milhaud. Ainda é música de diversão, mas é uma diversão muito inteligente, irônica e de bom gosto.

Música; "Jack-in-the-box". Orquestra Filarmônica de Londres, Regente Bernard Hermann duração 6'48".

Como se vê, as peças de Satie são todas curtas e fragmentadas em partes distintas com a exceção do Ballet "Parada", que em seu tempo provocou reações, distúrbios e brigas pela

introdução de elementos de ruído, tais como máquinas de escrever e objetos vários, e pelo seu sabor definitivamente iconoclasta.

Esse gosto das coisas curtas passará logo após para Milhaud, que deixará as ópera-minutes, isto é, óperas de poucos minutos.

É obvio que a todas estas manifestações iconoclastas não é estranha a presença do futurismo de Marinetti, bem presente no ambiente francês, pois que o próprio Marinetti, apesar de italiano, começou a carreira literária como poeta em língua francesa, proclamando aqueles seus revolucionários conceitos que podem ser resumidos na sua afirmação de que um automóvel correndo é mais bonito do que a Vitória de Samotrácia.

Terminamos o nosso passeio com Satie ouvindo fragmentos da série das "Gymnopédies", peças de caráter quase ginástico, marcadas por títulos estranhos de invenção do próprio compositor imitando a terminologia científica.

O original é para piano, orquestrado sucessivamente pelo próprio Satie.
Música; "Gymnopédies", Orquestra Filarmônica de Londres, Regente Bernard Herrmann.
duração 6'33".